



NORMALIDADE É LIBERDADE ECONÔMICA: TÁTICAS DE ENQUADRAMENTO SOBRE O EVENTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO DISCURSO PRESIDENCIAL

NORMALITY IS ECONOMIC FREEDOM: FRAMING TACTICS ABOUT THE COVID-19 PANDEMIC EVENT IN THE PRESIDENTIAL DISCOURSE

Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Lucia Leitão de Almeida²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este estudo discute algumas táticas de enquadramento sobre o evento da pandemia da COVID-19 em dois pronunciamentos do atual presidente da República. A partir do quadro teórico da semântica cognitiva, buscamos mostrar como essas táticas de enquadramento dependem do uso da linguagem metafórica e imaginativa para a negação de cenários da pandemia. Analisamos as seguintes táticas de enquadramento: NORMALIDADE É LIBERDADE ECONÔMICA, IMPORTÂNCIA É TAMANHO e FALSA CAUSALIDADE. Argumentamos também que o discurso de negação de cenários da pandemia baseia-se tipicamente em uma estratégia mais geral de enquadramento do tipo *cross-frame negation* (FILLMORE, 1985), que pode ser muito bem projetada em uma estrutura de pressuposição discursiva. Essa estrutura pressuposicional discursiva se estabelece por meio de um *contra-frame* em negação a outro *frame* convencionalmente compartilhado no discurso. Nossa reflexão pretende apontar para a importância de conhecermos padrões de estilo cognitivo que envolvem o discurso político quando comprometido com a negação como política de Estado.

¹ Endereço eletrônico: jlflisboajunior@gmail.com

² Endereço eletrônico: marialucialeitaodealmeida@gmail.com

Palavras-Chave: Táticas de enquadramento; COVID-19; Semântica Cognitiva; Discurso Negacionista.

Abstract: *This study discusses framing tactics about the COVID-19 pandemic event in statements by the current President of the Republic. From the theoretical framework of cognitive semantics, we seek to show how these framing tactics depend on the use of metaphorical and imaginative language for the denial of pandemic scenarios. We analyzed the following framing tactics: NORMALITY IS ECONOMIC FREEDOM, IMPORTANCE IS SIZE and FALSE CAUSALITY. We also argue that the discourse of denial about the pandemic scenario is typically based on “cross-frame negation” (FILLMORE, 1985), which can be very well projected into a discursive presupposition structure. This presuppositional discursive structure is established by means of a counter-frame in negation to another frame conventionally shared in the discourse. Our reflection aims to point to the importance of knowing cognitive style patterns that involve political discourse when committed to denial as a State policy.*

Keywords: *Framing tactics; COVID-19; Cognitive Semantics; Negationist discourse.*

INTRODUÇÃO

O presente estudo conduz uma reflexão sobre um aspecto inegavelmente importante quando se trata de pensarmos a respeito da linguagem na pandemia: as táticas de enquadramento (*framing*) sobre o evento da pandemia da COVID-19 no discurso presidencial. Sendo o atual Chefe de Estado um personagem central no que se refere à construção de significados que circulam socialmente sobre a COVID-19, utilizamo-nos de dois de seus proferimentos para investigarmos a produção de enquadramentos alternativos.

Certamente que o discurso presidencial tem se pautado no negacionismo, ponto de vista que se encontra na base das táticas de enquadramento sobre a COVID-19. Neste estudo, buscamos uma conceituação para o discurso de negação da pandemia em termos de uma estrutura pressuposicional discursiva em que se evoca um *contra-frame* no discurso para negar um *frame* socialmente referendado. Trata-se de uma negação entre *frames* (*cross-frame negation*), tal como discutido por Fillmore (1985) com base em postulados conversacionais, que pode ser projetada na construção dinâmica do discurso.

O discurso negacionista ao impor determinados enquadramentos para a experiência socialmente compartilhada propõe alternativas cognitivas que

podem ser aderidas por empatia ou rejeitadas pelo interlocutor na tarefa de interpretação dos cenários da pandemia na configuração do discurso. Nesse contexto, a partir de um *contra-frame*, torna-se possível imaginar um cenário para o qual a audiência poderá se transferir cognitivamente, assumindo ou não um novo enquadre da situação.

Embora a pressuposição constitua, em certa medida, a base do discurso de negação da pandemia, tal fenômeno não deve ser visto como exclusivo. Na verdade, a construção de significados negativos no discurso de Bolsonaro depende do uso da linguagem metafórica e imaginativa (analgica, contrafactual etc.). Nesse sentido, os enquadramentos alternativos metafóricos ou contrafactuais, por exemplo, servem de base a pressuposições não declaradas com o intuito de criar e performar a negação sobre diferentes cenários da pandemia.

Nesta reflexão, ressaltamos a importância de lidarmos com enunciados negacionistas e de conhecermos os seus padrões de construção de significado. Para tanto, o nosso recorte de análise será sobre dois pronunciamentos do atual presidente da República, em que abordaremos dois casos mais salientes de metáfora conceptual e dois casos de falsa causalidade. Assim, nos deteremos em uma análise semântico-discursiva, que presume observar a atividade de determinados dispositivos linguísticos capazes de acionar enquadramentos alternativos e construir significados negativos sobre o evento da pandemia da COVID-19. O quadro teórico adotado é o da semântica cognitiva.

1 A NOÇÃO DE ENQUADRAMENTO: ALGUNS ASPECTOS DA NEGAÇÃO PRESSUPOSICIONAL

Em semântica cognitiva, a negação linguística está vinculada à noção de *framing* ou às estratégias de enquadramento. Um exemplo bastante elucidativo é dado por Lakoff (2004) em *Don't think of an elephant!*, ao discutir sobre como a

negação pode ser usada para induzir a enquadramentos específicos de informação. O exemplo da negação pressuposicional é a que ilustra o título de seu livro: “Não pense em um elefante!”. Essa negação implica necessariamente que o interlocutor aceite, por assim dizer, um comando cognitivo e acione automaticamente o *frame* da referência “elefante”. Neste caso, o uso de “não + verbo factivo / cognitivo” é expressivamente uma tática de enquadramento capaz de direcionar o domínio de interpretação do interlocutor.

Fillmore (1985, p. 242-244), a seu turno, em um de seus estudos seminais, propôs que a negação pode ocorrer no interior de um *frame* (*negation within frame*), similar àquela que tradicionalmente se encontra pelo teste pressuposicional, ou entre *frames* (*cross-frame negation*)³. Esse último caso interessa-nos mais. A negação entre *frames* pode servir a dois propósitos: aceitar um *frame* ou rejeitar um *frame*. Em uma negação como “He is not thrifty, he is stingy” (LAKOFF, 1997), exemplo clássico, se está oferecendo ao interlocutor um enquadramento alternativo (*alternative framing*), negando-se um *frame*, - não um fato - por ser inadequado para interpretar uma situação, e se propondo outro *frame* “em seu lugar”. Esse enquadramento traz pressupostos não declarados. A ideia é a de que não se deve pensar nas ações em termos de uso eficiente de recursos, mas em termos de ganância⁴.

A negação pressuposicional é, assim, vista como uma tática de enquadramento cognitivo em que se propõe uma alternativa para a interpretação. Isso também é válido em outro modelo da semântica cognitiva, a teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER [1984]1995). Sweetser (2006) bem esclarece que a negação pressupõe um cenário afirmativo em um espaço mental

³ “Joe left at six does not necessarily indicate any presupposition that things might have been otherwise, but Joe didn’t leave at six certainly suggests that someone had a mental scenario involving his leaving at six” (SWEETSER, 2006, p. 313).

⁴ “you should not think of his actions in terms of efficient use of resources; you should think of his actions in terms of greed” (LAKOFF, 1997, p. 39).

alternativo em contraste com o cenário negativo. Por exemplo, se alguém diz que “João não saiu às seis” pressupõe-se um cenário afirmativo em que João tenha saído às seis em relação ao cenário negativo em que João não saiu neste horário. Entretanto, o mesmo não é válido para uma construção afirmativa. Se dissermos que “João saiu às seis”, não se pressupõe um cenário alternativo negativo em que “João não saiu às seis”.

Dancygier (2012) observa ainda que a alternatividade é inerente à negação estando associada ao ponto de vista cognitivo e à marcação de postura epistêmica do falante. No exemplo “There is no milk in the fridge”, pressupõe-se um espaço mental alternativo em que há um cenário em que a geladeira tem leite. No cenário imaginado, a atenção do falante está sobre o desejo de que existisse leite na geladeira. Em uma situação em que haja um interlocutor co-presente, é possível que ele projete a sua atenção simultaneamente para o espaço mental alternativo e compreenda o desejo de seu interlocutor de que tivesse leite na geladeira, uma vez que a presença do leite na geladeira era esperada.

Em todos os exemplos mencionados, verifica-se que a negação linguística pode apresentar características performativas ao mobilizar ou dirigir o interlocutor a um domínio alternativo de interpretação.

Cotidianamente, também nos deparamos com enunciados que embora não contenham um marcador linguístico de negação são capazes de negar situações, eventos e até mesmo teorias científicas. Evidências disso podem ser facilmente encontradas em declarações presidenciais, a exemplo da afirmação jocosa que categoriza a COVID-19 como uma “gripezinha” ou em afirmações que tentam imprimir um tom de banalidade para um vírus letal, a exemplo do fatídico “Todos nós iremos morrer um dia”⁵.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Estamos lidando, evidentemente, com um outro nível de operação do significado negativo que está sendo construído performativamente no discurso na tentativa de mobilizar retoricamente os interlocutores a alguma alternativa de interpretação.

Semanticistas que trabalham com a língua em uso, pragmaticistas e analistas do discurso têm aqui um material interessante para a reflexão. Não dispomos ainda de uma análise das estratégias envolvidas em enunciados negacionistas (salvo engano) para além do rótulo de que negam coisas que são “fatos”. Algo a se pensar é sobre como significamos coisas, eventos, situações como “fatos” e “não-fatos”. Para isso, precisamos ter alguma fundamentação sobre o que vem a ser um “fato”, algo que não é consensual em teoria semântica, em filosofia analítica e em epistemologia da ciência, por exemplo.

Apesar dessas dificuldades conceituais, tentaremos mostrar que é possível compreendermos um pouco melhor o discurso negacionista, se pudermos usar adequadamente a noção de “negação entre *frames*”, proposta por Fillmore (1985), projetando-a na estrutura do discurso. Isso também só pode ser possível se tivermos como ponto de partida uma teoria semântica que forneça alguma base sobre os conceitos de “fato”, “conhecimento” e “verdade” que estão tradicionalmente associados às questões de significado.

2 CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS? O QUE É UM FATO? AS IMPLICAÇÕES DO DISCURSO NEGACIONISTA

Como definir um discurso negacionista? Podemos dizer que se trata de um discurso que nega fatos e essa definição pareceria plausível e básica. Mas para afirmarmos isto estaríamos adotando um ponto de vista; estaríamos assumindo que algo existe no mundo como um fato e que algo não existe no mundo como um não-fato. Isso nos leva diretamente à pergunta sobre o que vem a ser um fato. Uma resposta provisória para essa pergunta poderia ser que se trata de algo

tomado como evidente ou verdadeiro em uma situação. Essa ideia nos direciona a uma outra pergunta: o que é verdadeiro? Entramos, assim, numa espiral dedutiva que vem acompanhando a alguns séculos a lógica e sua frágil sensibilidade ao contexto e aos mundos possíveis.

A dificuldade dessa linha de raciocínio está na premissa de que exista uma relação objetiva entre linguagem, percepção e mundo para que possamos compartilhar informações como fatos e não-fatos ou para que possamos atribuir um valor de verdade a crenças epistêmicas.

Diante do recente avanço da teoria semântica e de sua vocação como ciência cognitiva, sabemos hoje que a linguagem ao ser capaz de falar sobre mundos, possibilidades, temporalidades, referências fictícias, entidades concretas e virtuais etc., - inclusive sobre que é verdadeiro e falso - não é, contudo, capaz de “reportar-nos” o mundo objetivamente, tal como ele “é”.

A realidade existe, mas o nosso acesso à realidade é estruturado pela cognição humana, contextualmente configurada e ancorada em um corpo em interação com o mundo/ambiente (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996). Assumimos, então, a premissa do realismo corporificado ao invés do realismo ingênuo anteriormente especificado na espiral dedutiva. O realismo corporificado é um dos fundamentos da semântica cognitiva e reconhece o papel fundamental das bases experienciais de conhecimento como recursos de mediação e interpretação do mundo, que restringem ou moldam o que podemos conhecer do próprio mundo pelo pensamento e pela linguagem (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Um exemplo muito básico seria a noção de “cor”: somos capazes de enxergar o verde na folha da árvore, mas não somos capazes de enxergar o ultravioleta sem instrumentos científicos como as abelhas, que possuem uma outra corporalidade. Se temos em nossa gramática uma palavra para a cor verde, seu significado é relativo ao *frame* perceptual de cor, a base de conhecimento

experiencial pela qual categorizamos linguisticamente algo no mundo como “verde”, mas esse algo verde não existe verdadeiramente no mundo, existe na cognição, estando sujeito à variação cultural. Se temos uma palavra como “ultravioleta” é porque construímos um *frame* deste espectro cromático por meio da descoberta científica. Isso significa que o nosso aparato corporal, que engloba a percepção, as habilidades sensório-motoras, dentre outras características de espécie, fornece certas mediações para o pensamento abstrato e a linguagem em relação ao mundo.

Se a performance de um corpo em interação com o mundo constitui-se como uma fonte de conhecimento experiencial, por outro lado, as práticas discursivas também elaboram domínios de conhecimento por meio de jornais impressos, novelas, livros, *WhatsApp* etc. A formulação de Nelhaus (2006, p. 82) é especialmente feliz a respeito de como adquirimos conhecimento pelo discurso e muito pertinente para compreendermos a propagação de enunciados que se desviam de modelos prototípicos ou normativos de conhecimento:

Few people travel around the world to learn if it is spherical, conduct the experiments necessary to discover that we need to breathe oxygen and not neon, or dig up bones to convince themselves of the theory of evolution. Instead, we listen to other people, read books, watch television, tune in to the radio; and conversely, to provide knowledge to others, we rely on speaking, writing, drawing, and the like⁶.

As pessoas, de um modo geral, não precisam ver que o mundo é esférico a partir de uma viagem espacial para interpretarem o enunciado “A Terra é redonda” como convencionalmente factual. Os fatos são relativos a *frames* construídos na experiência humana e que são compartilhados culturalmente pelos domínios do discurso. A construção de conhecimentos - e não apenas os

⁶ Tradução nossa: “Poucas pessoas viajam ao redor do mundo para saber se é esférico, realizam os experimentos necessários para descobrir que precisamos respirar oxigênio e não neon, ou desenterram ossos para se convencerem da teoria da evolução. Em vez disso, ouvimos outras pessoas, lemos livros, assistimos à televisão, sintonizamos o rádio; e, por outro lado, para fornecer conhecimento a outras pessoas, contamos com a fala, a escrita, o desenho e afins.”

que são normativos, compartilhados por um domínio discursivo científico, por exemplo, mas também as teorias mágicas, as *folk theories* etc. - ocorre com relativa liberdade pelo discurso.

Pensemos sobre os enquadramentos alternativos da referência “Terra”. Recentemente, vê-se o retorno do enunciado “A Terra é plana” à circulação discursiva. Esse simples enunciado está ancorado em um cenário imaginado e compartilhado por determinados grupos socioculturais denominados de terraplanistas. Podemos dizer que se trata de um enunciado negacionista, mas devemos explicar por que esse enunciado é negacionista.

Uma primeira observação a ser feita é a de que o discurso negacionista representa um desvio de modelos de conhecimento tomados como pontos de referência para a interpretação da “realidade”, como os modelos científicos, por exemplo. O negacionismo fere, por assim dizer, um “mínimo requisito de realidade” sobre experiências compartilhadas como de fórum comum e/ou em âmbito científico. Uma segunda observação é a de que o discurso negacionista apresenta sistematicamente uma estrutura de pressuposição discursiva. Nessa estrutura supõe-se a construção de um *contra-frame* em negação a um *frame simultaneamente evocado* ou *pré-evocado*⁷ - no sentido de ser socialmente referendado - no discurso.

No enunciado “A Terra é plana”, por exemplo, há um enquadramento alternativo da referência “Terra” em relação ao *frame* mais normativo ou prototípico “A Terra é redonda”. O enquadramento permite a manipulação de outra imagem topológica como um *contra-frame* em relação a uma informação previamente enquadrada como normativa (a concepção da Terra em sua

⁷ Esse conceito de pressuposição é compatível com a semântica de *frames*. Fillmore (1985) formulou um conceito mais abrangente de pressuposição ao propô-la como um aspecto de um *frame* interpretativo pré-evocado ou simultaneamente evocado. Um exemplo seria o uso de expressões linguísticas como “atracar” e “aterrissar” que pressupõem, respectivamente, chegar em um determinado ponto de referência espacial de barco e de avião.

dimensão esférica). Há um conjunto de suposições no discurso que ancoram a construção de um cenário - expressão discursiva do enquadramento realizado pelo locutor - para o qual o interlocutor poderá se transferir cognitivamente. No caso desse enunciado, as suposições podem estar disponíveis no discurso.

Leia-se, a seguir, um trecho da apresentação do primeiro evento dedicado à circulação das ideias da Convenção Nacional de Terra Plana⁸:

A Terra está parada. Não se move. A superfície da Terra é plana. Há uma cúpula sobre nós chamada o Firmamento. O sol, a lua e as estrelas estão sob a cúpula do Firmamento. O sol e a lua são muito menores e mais próximos do que nos dizem. O sol e a lua se movem em seus próprios padrões sobre a superfície da Terra. Não há planetas. Apenas estrelas no céu. Não há espaço. Não podemos sair da cúpula. Está tudo bem aqui, pessoal! (MELO, 2019)

Observa-se que há um conjunto de suposições que são capazes de sustentar um cenário alternativo construído por uma determinada perspectiva sobre a referência "Terra". O cenário, como se nota, tem a ver com a projeção de avaliações, crenças, suposições, relações causais, estereótipos, micronarrativas estabelecidas no discurso. Uma dessas suposições compreende a referência Terra, como planeta, em termos de um objeto plano que não se move. A percepção de que a superfície da "Terra" seja uma linha horizontal é uma premissa que "sustenta" a extrapolação retórica de que a Terra seja plana. Outra suposição é de que a Terra seja uma cúpula (um contêiner) da qual não podemos sair. Há uma micronarrativa que presume a existência de um Firmamento e uma teoria do universo quando se afirma que "não existem planetas".

De uma certa maneira, nossa proposição de cenário alinha-se às perspectivas de Musolff (2006) e Semino (2020). Segundo Musolff (2006, p. 27):

I propose to use the category of "scenario", building on Charles Fillmore's notion of a conceptual "scene" as "any kind of coherent segment of human beliefs, actions, experiences or imaginings" that can be associated with an

⁸ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/08/sete-afirmacoes-feitas-pelos-terraplanistas-e-os-motivos-de-eles-estarem-enganados-cjze68lgl038r01qmslcdjmbp.html>. Acesso em: 08 dez. 2020.

underlying conceptual “frame” (Fillmore, 1975, p. 124) as well as on Lakoff’s definition of “scenario” as a subtype of “idealized cognitive models” (ICMs) that have a comparatively rich ontology: scenarios are “structured by a SOURCE–PATH–GOAL schema in the time domain” and consist “typically of people, things, properties, relations and propositions”; among the relations are “causal relations, identity relations” and a “purpose structure” (Lakoff, 1987, p. 285–286). Turner and Fauconnier (2003) also speak of “scenarios” with regard to conceptual blendings, as in the saying “If Clinton were the Titanic, the iceberg would sink”. Here, the target–topic of President Clinton’s political survival during the public investigation of his sexual scandals and the his-torical tragedy of the Titanic are blended into the “complex counterfactual scenario in which the Titanic sinks the iceberg” (Turner & Fauconnier, 2003, p.470–471). The scenario in this case is a complex dynamic schema that is “run” in the mental space created by the blending. Scenarios have stereotypical status in the sense established by Hilary Putnam, that is, they include conventionally required assumptions, which may be revealed by experts to be empirically wrong but are still the default expectations that underlie the folk-theories held by nonexperts (Putnam, 1975, p. 148, 249–250)⁹.

No excerto anterior, Musolff (2006) expõe a sua visão enriquecida de “cenário” percorrendo brevemente a polissemia do conceito em alguns modelos teóricos da semântica cognitiva. Apesar de haver uma certa imprecisão sobre o conceito de “cenário”, principalmente sobre a sua relação com o conceito de

⁹ Tradução nossa: Proponho usar a categoria de “cenário”, com base na noção de Charles Fillmore de uma “cena” conceitual como “qualquer tipo de segmento coerente de crenças, ações, experiências ou imaginações humanas” que podem ser associados a um “frame” conceptual subjacente (Fillmore, 1975, p. 124), bem como na definição de Lakoff de “cenário” como um subtipo de “modelos cognitivos idealizados” (MCI’s) que têm uma ontologia comparativamente rica: os cenários são “estruturados por um esquema ORIGEM-PERCURSO-ALVO no domínio do tempo “e consistem” tipicamente de pessoas, coisas, propriedades, relações e proposições”; entre as relações estão “relações causais, relações de identidade” e uma “estrutura de propósito” (Lakoff, 1987, p. 285-286). Turner e Fauconnier (2003) também falam de “cenários” no que diz respeito às mesclagens conceptuais, como na sentença “Se Clinton fosse o Titanic, o iceberg afundaria”. Aqui, o tópico-alvo da sobrevivência política do presidente Clinton durante a investigação pública de seus escândalos sexuais e a tragédia histórica do Titanic são mesclados ao “cenário contrafactual complexo em que o Titanic afunda o iceberg” (Turner; Fauconnier, 2003, p. 470–471). O cenário, neste caso, é um esquema dinâmico complexo que é “processado” no espaço mental criado pela combinação. Os cenários têm status estereotipado no sentido estabelecido por Hilary Putnam, ou seja, eles incluem suposições convencionalmente exigidas, que podem ser reveladas por especialistas como empiricamente erradas, mas ainda são as expectativas padrão que fundamentam as teorias populares sustentadas por não especialistas (Putnam, 1975, p. 148, 249–250).”

“frame”, até mesmo reconhecida por Fillmore (2010, p.162)¹⁰, a sua importância, aqui, diz respeito a uma intuição muito básica: um cenário ou uma situação podem ter enquadramentos alternativos a depender do ponto de vista assumido. Isso tem relação direta com a possibilidade de termos empatia ou rejeição aos enquadramentos alternativos sobre os cenários da pandemia. Caso haja empatia em relação ao enquadramento proposto para um cenário, o interlocutor poderá não apenas imaginá-lo em sua mente, como também transferir o seu ponto de vista para o ponto de vista experiencial do criador do cenário imaginado (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

3 TÁTICAS DE ENQUADRAMENTO NO DISCURSO PRESIDENCIAL

Nesta seção, discutiremos algumas táticas de enquadramento sobre o evento da pandemia da COVID-19 em pronunciamentos do atual presidente da República. Seleccionamos para a análise dois pronunciamentos do atual presidente ocorridos em duas datas específicas. Um pronunciamento oficial ocorrido em 24/03/2020 sobre a situação de emergência nacional em relação à propagação da COVID-19 e outro pronunciamento a apoiadores que ocorreu em 13/11/2020.

A análise permitiu a sistematização das seguintes táticas de enquadramento: NORMALIDADE É LIBERDADE ECONÔMICA, IMPORTÂNCIA É TAMANHO e FALSA CAUSALIDADE. Das táticas de enquadramento identificadas, as duas primeiras envolvem um típico caso de enquadramento metafórico, enquanto a tática que denominamos de “falsa causalidade” envolve enquadramentos de cenários possíveis. O fato de usarmos

¹⁰ Então, embora utilizemos o conceito de “cenário” de maneira próxima à formulação de Musolf, também nos aproximamos da compreensão de Fillmore (2010, p. 162): “However, if I wanted to use the word *scene* nowadays — used as informally, say, *situation* or *state of affairs* — I would use it to describe different ways of giving a linguistic account of some present or imagined situation.”

o termo “falsa causalidade” não nos leva a assumir o ponto de vista das condições de verdade, mas, sim, permite-nos observar que, ironicamente, mesmo se tratando de cenários possíveis que sabemos não se sustentarem por sua contradição interna, ainda assim são capazes de influenciarem o raciocínio, permitindo possivelmente a vinculação de crença da audiência.

Também propomos que esses enquadramentos estejam envolvidos com pressuposições não declaradas, como afirmamos anteriormente. A pressuposição não declarada apresenta uma estrutura básica: é necessário que o locutor, no caso o atual presidente da República, construa um *contra-frame* em negação a outro *frame* convencionalmente compartilhado no discurso.

Por fim, é válido dizer que os enquadramentos no discurso são, na verdade, complexos. A escolha de enquadramentos específicos para representarem as análises pode ser justificada pelo aspecto de sua relevância e simplificação.

3.1 Enquadramentos metafóricos

Dizemos que um enquadramento é metafórico quando levamos o interlocutor a pensar em um cenário em termos de outros cenários da experiência, de base mais concreta. Para isso, é necessário concebermos um cenário em um domínio-alvo da conceptualização em termos de um domínio-fonte apropriado. No discurso, a construção de cenários metafóricos depende da escolha estratégica de domínios-fonte específicos que possam influenciar o interlocutor de acordo com a perspectiva/*framing* do locutor. Assim, é possível enquadrarmos metaforicamente o evento da pandemia como uma “guerra” a ser vencida ou como um “sinal de Deus”, como é o caso de alguns religiosos. A depender da perspectiva adotada, seleciona-se um domínio-fonte com o *frame* de

GUERRA ou um domínio-fonte com o *frame* de RELIGIÃO para o enquadramento do cenário de pandemia.

Veremos, a seguir, como o enquadramento metafórico aparece estrategicamente no pronunciamento de Bolsonaro.

3.1.1 NORMALIDADE É LIBERDADE ECONÔMICA

i. “O vírus chegou ... está sendo enfrentado por nós e brevemente passará... a nossa vida tem que continuar... os empregos devem ser mantidos... o sustento das famílias deve ser preservado... devemos sim voltar à normalidade... algumas poucas autoridades ...estaduais e municipais... devem abandonar o conceito de terra arrasada... a proibição de transportes... o fechamento de comércio... e o confinamento em massa...”¹¹

O fragmento discursivo é aberto por um cenário metafórico de GUERRA: o vírus personificado como inimigo chegou ao campo de batalha, será abatido e será vencido. Esse tipo de metáfora está bastante enraizado na cultura humana e seu uso tem sido bastante convencional na pandemia: o vírus é um inimigo invisível. Neste cenário também se observa a concepção do evento da pandemia como uma guerra de curta duração que “brevemente passará”.

Em seguida, identifica-se o uso deôntico de modais aconselhativos, a exemplo de “a vida tem que continuar” e “devemos voltar à normalidade”. Em “a vida tem que continuar”, o modal aconselhativo baseia-se na ideia de uma ultrapassagem de barreiras. Usamos esse modal formulaicamente quando solicitamos ao nosso interlocutor a ultrapassagem de um problema e a sua superação. Trata-se de uma implicação metafórica baseada em Dinâmica de

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 30 nov. 2020. Trecho extraído de um pronunciamento oficial do atual presidente, em 24/03/2020, sobre a situação de emergência nacional em relação à propagação da COVID-19.

Forças¹². Já em “devemos voltar à normalidade” há a construção pressuposicional “voltar à”, que pressupõe não estarmos em normalidade. Se não estamos em normalidade, o atual presidente projeta em seu discurso as suposições que integram o cenário de “normalidade”, como se fossem factuais: empregos e sustento para as famílias.

A pressuposição de não-normalidade é sustentada pelas suposições “conceito de terra arrasada”, “proibição de transportes”, “fechamento de comércios” e “confinamento em massa”. Esses “pedaços de informação”, por sua vez, permitem micro-enquadramentos sobre as “medidas protetivas”, apresentando-as como “barreiras” em um cenário marcadamente negativo. As barreiras simbolizam as medidas protetivas diante de um vírus mortal e foram adotadas por instâncias estaduais e municipais de governo que se colocaram em posição adversa a de Bolsonaro.

O cenário de normalidade, por sua vez, ancora-se em um *frame* de LIBERDADE ECONÔMICA, enquanto o cenário de não-normalidade está ancorado em um *frame* de BARREIRA. A “não-normalidade” da pressuposição é metaforicamente enquadrada no discurso como um ser - a vida - impedido de movimentar-se em um percurso por barreiras. O enquadramento metafórico da “normalidade” em termos de “liberdade econômica”, por sua vez, constrói um cenário alternativo capaz de ser mais positivo em relação à “não-normalidade”.

Essa é uma simplificação de um jogo entre enquadramentos complexos. O discurso presidencial ao oferecer a alternativa de um cenário positivo com base

¹² A dinâmica de forças, originalmente proposta por Leonard Talmy (1988), é uma estrutura de conhecimento que emerge da nossa experiência de corpo no mundo. Em linhas gerais, a sua base conceptual depende da interação entre elementos de um cenário. Por exemplo, um objeto que se movimenta em direção a um ponto no espaço pode sofrer a limitação à continuidade de seu movimento, a exemplo de “o carro se *chocou contra a parede*”. Neste exemplo, há um objeto em movimento em direção a um ponto que exhibe uma limitação ao movimento e que envolve inequivocamente uma “contra-força”. O uso do modal aconselhativo e ordenativo “a vida tem que continuar” também depende da noção de “força”, mas de uma outra maneira. Neste caso, a “força” é concebida no sentido da superação de uma limitação ao movimento.

no *frame* de LIBERDADE ECONÔMICA apresenta, na verdade, um *contra-frame* em relação ao *frame* simultaneamente evocado, - e que é negado - o das medidas protetivas. É interessante notar que ao evocar simultaneamente o *frame* das medidas protetivas, Bolsonaro não o faz de forma fidedigna, mas produz um reenquadre marcadamente negativo, para que o *contra-frame* tenha maior relevância.

3.1.2 IMPORTÂNCIA É TAMANHO

i. "...vocês vejam o que que era antes... como eram os ministérios... como tudo era aparelhado no Brasil... como tão funcionando apesar da... dessa pandemia aí que ... nos fez endividar em mais de setecentos bilhões de reais... e agora tem a conversinha de segunda onda... tem que enfrentar se tiver... porque se quebrar de vez a economia, a gente [não compreensível] ...seremos um país de miseráveis... só isso¹³"

Neste trecho, observa-se uma comparação entre duas situações, a da economia e a da segunda onda, estruturadas por enquadramentos específicos. O ponto de vista do locutor está ancorado em um *frame* econômico de "custo-consequência". A situação de uma pandemia que teria endividado sobremaneira o país é coordenada ("e agora") ao enquadramento da "segunda onda¹⁴" como uma "conversinha". O uso idiomático desse item lexical com o diminutivo apresenta uma característica não apenas metafórica, mas também avaliativa. Tratar a "segunda onda" como uma "conversinha" significa enquadrá-la como uma situação de menor importância se comparada à economia, rebaixando-se a sua dimensão.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDRi2hbYLnw>. Acesso em: 30 nov. 2020. Trecho de pronunciamento de Bolsonaro a apoiadores em 13/11/2020.

¹⁴ Como o parecerista anônimo bem lembrou, a expressão "segunda onda" exhibe o enquadramento metafórico da recidiva da pandemia em níveis altos de contaminação em termos de um fenômeno da natureza.

No caso de “conversinha”, o diminutivo ocorre em uma palavra que mesmo sem a presença do marcador dimensional poderia ser usada para a desqualificação. Quando dizemos “isso é conversa” ou “deixa de conversa” em uma situação não estamos levando “à sério” a importância do que diz o nosso interlocutor. O diminutivo¹⁵ intensifica isso, caracterizando os avisos sobre o evento “da segunda onda” dimensionalmente.

Posteriormente, o locutor usa uma condicional metafórica “tem que enfrentar se tiver”, em um cenário em que a possibilidade de uma segunda onda é encenada em um conflito figurativo que exige uma DINÂMICA DE FORÇAS. Sem o uso da FORÇA, a dedução do locutor vem a ser completada por outra metáfora, a que concebe a economia como um tipo de objeto¹⁶ / estrutura que pode ruir. A ideia é a de que se não usarmos a FORÇA para vencermos a pandemia, a economia sofrerá. Nitidamente, a economia tem maior relevância para Bolsonaro do que a vida humana.

Em síntese, o que se nota é que a primeira situação, a econômica, é estruturada em termos de “custos” e “consequências” capazes de colocar o problema econômico em um cenário metafórico de maior dimensão, enquanto a segunda onda é estruturada como algo de menor dimensão em relação à economia.

¹⁵ A metáfora “IMPORTÂNCIA É TAMANHO” aparece em Grady (1997) como uma metáfora primária. Essa metáfora fundamenta os usos avaliativos do diminutivo em português, como bem discutido por Silva (2006, cap.8), ao identificar que a “pequenez está também experiencialmente associada a avaliações negativas”, como, por exemplo, nas seguintes metáforas catalogadas: “O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR, NÃO PRESTA” ou “O QUE É PEQUENO É DESPREZÍVEL”. Módolo e Braga (2020), por sua vez, analisam o termo “gripezinha” utilizado por Bolsonaro para se referir à COVID-19 em um de seus pronunciamentos com base na metáfora “TAMANHO É IMPORTÂNCIA”. Os autores afirmam que se “de um lado, a gripe não tem uma materialidade física, portanto não tem literalmente um tamanho; de outro, o enunciador pode qualificá-la metaforicamente como pequena...”.

¹⁶ Como bem sugerido por um parecerista anônimo, a quem agradecemos, uma boa nomeação para tal metáfora seria “ECONOMIA É OBJETO FRÁGIL”.

Ao nosso ver, a metáfora conceptual IMPORTÂNCIA É TAMANHO é adequada para capturar os enquadramentos. O argumento da dívida econômica desencadeada pelos gastos com a pandemia (maior dimensão) é um *contra-frame* em relação ao *frame* que está sendo rejeitado por Bolsonaro, o da segunda onda (menor dimensão). É como se fosse possível dizer: não se preocupem com a segunda onda, preocupem-se com a economia, esse é o perigo real.

3.2 Enquadramentos de cenários possíveis

Se os enquadramentos metafóricos constroem cenários ou situações a partir de domínios-fonte como a guerra, a força, a liberdade e barreira, de forma a fornecer alternativas para o entendimento dos cenários da pandemia, os enquadramentos também podem usar a linguagem imaginativa para construir cenários como possíveis. Essa estratégia também é usada por Bolsonaro, a qual denominamos de “falsa causalidade”.

A falsa causalidade tem a ver com uma relação implícita entre eventos que do ponto de vista lógico não se sustenta. Entretanto, na vida cotidiana, construímos relações de falsa causalidade o tempo todo, “viajando” entre espaços mentais sem termos a necessidade de demonstrar alguma prova dessa viagem. Essa causalidade apenas aparente tem fundamentação em modelos populares, crenças culturais e teorias mágicas.

Linguisticamente, a causalidade pode ser codificada, por exemplo, por marcadores de conclusão “então” e condicionalidade “caso”. Discutiremos esses dois tipos a seguir, considerando um caso de dedução e um caso de contrafactualidade.

- Relações dedutivas não explícitas

i. “O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de sessenta anos... então... por que fechar escolas?¹⁷”

Nesse extrato de discurso, em “o grupo de risco é o das pessoas acima de sessenta anos” há uma pressuposição local de que quem está abaixo dos sessenta anos não está no grupo de risco. Até aqui o raciocínio é plausível. A pergunta “Por que fechar escolas?”, posterior ao marcador de dedução “então”, ativa outra pressuposição, a de que as escolas estão fechadas. Na relação dedutiva, a primeira pressuposição esconde, por assim dizer, uma premissa: se crianças não estão no grupo de risco, logo escolas podem ser abertas. Busca-se, então, uma premissa implícita bem induzida pelo uso estratégico de “grupo de risco” para construir um *contra-frame* em que escolas podem ser abertas em relação ao *frame* de que escolas devem estar fechadas.

Do ponto de vista cognitivo, a falsidade lógica serve ao enquadramento: escolas devem ser abertas no mesmo sentido que trabalhadores não devem ficar em casa e que comércios não podem fechar. Esse enquadramento visa criar uma realidade que pode ser percebida como possível sem a extração de suas implicações. Como pudemos notar em análise anterior de outro excerto do mesmo pronunciamento, o compromisso epistêmico de Bolsonaro é com a “liberdade econômica”.

Obviamente que as relações dedutivas não explícitas ou “mal formadas” podem ser igualmente eficientes às relações dedutivas “bem formadas”, sendo capazes de induzir estruturas compartilhadas que poderão ser mapeadas de espaço a espaço (FAUCONNIER, 1997). Assim, ignora-se, por exemplo, que crianças mesmo assintomáticas podem transmitir o vírus àqueles que se situam no grupo de risco ou não.

- Contrafactualidade

¹⁷Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em: 30 nov. 2020. Trecho extraído de um pronunciamento oficial do atual presidente, em 24/03/2020, sobre a situação de emergência nacional em relação à propagação da COVID-19.

ii. "No meu caso particular... pelo meu histórico de atleta... caso fosse contaminado pelo vírus ... não precisaria me preocupar... nada sentiria ou seria... quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho..."¹⁸

Neste contexto do pronunciamento do atual presidente, compartilha-se com a audiência a crença de que o "histórico de atleta" impediria a contaminação pelo vírus (um modelo causal do mundo). Mas mais do que isso, Bolsonaro constrói uma alternativa contrafactual para uma situação simulada em que de um Espaço Base, no qual o Chefe de Estado não está contaminado, projeta-se em um Espaço Futuro em que está contaminado pela COVID-19 e bem. Apenas admite a possibilidade de uma "gripezinha" ou "resfriadinho", itens lexicais que enquadram o vírus da COVID-19 como algo de menor importância e que não confere preocupação (*framing* local). Nesse cenário alternativo, Bolsonaro poderá estar ao mesmo tempo contaminado e "imune". Esse "conflito semântico" é, no entanto, possível na contrafactualidade pelo fato de podermos comprimir a relação vital de causa-efeito (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Neste caso, o enquadramento contrafactual, em que o personagem mesmo contaminado permanece bem, tem o propósito específico de negar o perigo real do vírus em circulação. Não à toa, a contrafactualidade apoia-se em um *framing* local ("IMPORTÂNCIA É TAMANHO") em que uma "gripezinha" não é capaz de oferecer riscos ao presidente.

CONCLUSÕES

Neste estudo, procuramos analisar algumas táticas de enquadramento sobre o evento da pandemia da COVID-19 em pronunciamentos do atual presidente da República. Também buscamos conceituar o seu discurso

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em: 30 nov. 2020. Trecho extraído de um pronunciamento oficial do atual presidente, em 24/03/2020, sobre a situação de emergência nacional em relação à propagação da COVID-19.

negacionista a partir de uma negação performativa entre *frames*. Recuperamos de Fillmore (1985) a proposta de *cross-frame negation*, que requer o atendimento a postulados conversacionais, projetando-a na estrutura do discurso. Para tanto, identificamos paralelos na construção de significados negativos entre a negação com marca linguística e a negação sem marca linguística em enunciados negacionistas na medida em que podem estar vinculadas à um mesmo processo de base: a construção de enquadramentos alternativos para a interpretação do interlocutor.

Ao longo deste trabalho, pudemos notar a importância do uso da linguagem metafórica e imaginativa para o enquadramento alternativo de cenários da pandemia, a saber, NORMALIDADE É LIBERDADE ECONÔMICA, IMPORTÂNCIA É TAMANHO e FALSA CAUSALIDADE. Esses enquadramentos constroem *contra-frames* para negar um outro *frame* no discurso.

Embora não tenhamos feito uma análise qualitativa mais ampla, mas uma reflexão, algo interessante ainda a ser feito é verificar de forma mais sistemática se essas táticas de enquadramento assemelham-se àquelas utilizadas em pronunciamentos negacionistas de outros políticos, como Trump. Isso pode ser importante, inclusive, para percebermos que o discurso de negação da pandemia apresenta padrões discursivos e cognitivos de operação, que, mesmo aparentemente banais, podem ser facilmente assimilados por uma boa parte da população. De alguma maneira, já notamos o impacto dessa assimilação no próprio discurso, em paráfrases que retomam esses enquadramentos em redes sociais, mídias digitais, conversas cotidianas e na polarização política.

REFERÊNCIAS

DANCYGIER, B. Negation, stance verbs, and intersubjectivity. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (ed.). *Viewpoint in Language: A Multimodal Perspective*. Cambridge, NY: Cambridge University Press, 2012. p. 69–93.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. Discussing frame semantics: The state of the art. Entrevista cedida a József Andor. *Review of Cognitive Linguistics*. [S. l.], v. 8, n. 1, p. 157-176, jan. 2010.

FILLMORE, C. Frame semantics and the nature of language. In: *Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, v. 280. 1976. New York. *Origins and Evolution of Language and Speech*. New York: The New York Academy of Sciences, 1976, p. 20-32.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (ed). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co, 1982. p. 111-137.

FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*. Bologna, v. 6.2, p. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed). *Linguistics Structures Processing*. Amsterdam and New York: North Holland Publishing Company. 1977. p. 55-81.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299f. PhD dissertation. (Doctor of Philosophy in Linguistics). University of California, Berkeley.

LAKOFF, G. An interview with George Lakoff. Entrevista cedida a Francisco José Ruiz de Mendoza Ibáñez. *Cuadernos de Filología Inglesa*. Logroño, v. 6, n. 2, p. 33-52, 1997.

LAKOFF, G. *Don't Think of an Elephant!: Know Your Values and Frame the Debate - the Essential Guide for Progressives*. Chelsea Green Pub. Co.: Vermont-USA, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

MELO, I. Sete afirmações feitas pelos terraplanistas e os motivos de eles estarem enganados. *Revista GZH Ciência e Tecnologia*. 16 jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/08/sete-afirmacoes-feitas-pelos-terraplanistas-e-os-motivos-de-eles-estarem-enganados-cjze68lgl038r01qmslcdjmbp.html>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MÓDOLO, M.; BRAGA, H. S. Gripe tem tamanho? *Jornal da USP*, São Paulo, p.1-3, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/gripe-tem-tamanho/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MUSOLFF, A. Metaphor Scenarios in Public Discourse. *Metaphor and Symbol*. Philadelphia, v.21, n.1, p. 23-38, 17 nov. 2009. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327868ms2101_2. Acesso em: 20 nov. 2020.

NELLHAUS, T. Performance strategies, image schemas, and communications frameworks. In: MCCONACHIE, B.; HART, F.E. (ed.). *Performance and Cognition: Theatre Studies and the cognitive turn*. London and New York: Routledge, 2006.

PRONUNCIAMENTO do presidente da República, Jair Bolsonaro, a apoiadores, em 13/11/2020. 1 vídeo (2:43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDRi2hbYLnw>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PRONUNCIAMENTO do presidente da República, Jair Bolsonaro, em Cadeia de Rádio e Televisão, em 24/03/2020. 1 vídeo (4:58 min). Publicado pelo canal do Planalto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em: 30 nov. 2020.

SEMINO, E. Not soldiers but fire-fighters – Metaphors and Covid-19. *Health Communication*. Philadelphia, v. 36, n.1, p. 50-58. 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10410236.2020.1844989>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, A. S. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWEETSER, E. Negative spaces: Levels of negation and kinds of spaces. In: BONNEFILLE, S.; SALBAYRE, S. (eds.). *La négation: formes, figures, conceptualisation*. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, 2006.

SWEETSER, E.; FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains: Basic aspects of mental space theory. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, worlds, and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 1–28.

TARJA, A. Todos nós vamos morrer um dia: veja falas de Bolsonaro sobre o coronavírus. *Uol*. 01 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de novembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 28 de janeiro de 2021.